



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANAS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA LETRAS**

DANIEL GOMES DE FARIAS

**O MULATO: A HIPOCRISIA RELIGIOSA COMO ASPECTO
DEGRADANTE DA SOCIEDADE EM ALUISIO AZEVEDO**

CAMPINA GRANDE – PB
2014

DANIEL GOMES DE FARIAS

**O MULATO: A HIPOCRISIA RELIGIOSA COMO ASPECTO
DEGRADANTE DA SOCIEDADE EM ALUISIO AZEVEDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador (a): Dr. Eli Brandão da Silva

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F224m Farias, Daniel Gomes de

O mulato [manuscrito] : a hipocrisia religiosa como aspecto degradante da sociedade em Aluisio Azevedo / Daniel Gomes de Farias. - 2014.

17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, Departamento de Letras".

1. Análise Literária 2. Literatura Brasileira 3. Romance 4. Hipocrisia Religiosa 5. Sociedade I. Título.

21. ed. CDD 801.95

DANIEL GOMES DE FARIAS

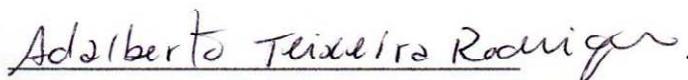
**MULATO: A HIPOCRISIA RELIGIOSA COMO ASPECTO
DEGRADANTE DA SOCIEDADE EM ALUISIO AZEVEDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena
em Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em Letras
com habilitação em Língua Portuguesa.

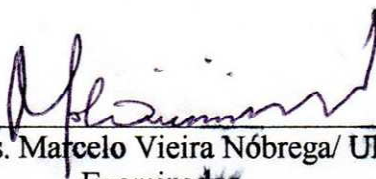
Aprovada em 28 / 07 / 2014.



Prof. Dr. Eli Brandão da Silva/ UEPB
Orientador



Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues/ UEPB
Examinador



Prof. Ms. Marcelo Vieira Nóbrega/ UEPB
Examinador

O MULATO: A HIPOCRISIA RELIGIOSA COMO ASPECTO DEGRADANTE DA SOCIEDADE EM ALUISIO AZEVEDO

FARIAS. Daniel Gomes¹

RESUMO

O presente artigo analisa o romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, tendo como principal objetivo, através da relação dialógica das personagens do Cônego Diogo e de Raimundo o mulato, focalizar a questão da hipocrisia religiosa, como um aspecto negativo para a sociedade da época, assim como o anticlericalismo que o autor demonstra em sua obra. A abordagem da hipocrisia religiosa recai sobre a forma de atuação de sistemas religiosos que, considerando-se imponentes, cometeram graves erros em sua forma de julgar o indivíduo, a exemplo do judaísmo do século I e do catolicismo romano ao longo de sua história. Nesse sentido objetivamos identificar o confronto entre o Cônego Diogo e a personagem Raimundo, o mulato, dentro do eixo narrativo. Possibilitar uma análise sobre a hipocrisia do Clero na época em que ocorre o fato narrado. Compreender a atuação da religião como pano de fundo da organização social, influenciando, consideravelmente, nas questões ideológicas e a interferência do clero no seio das famílias. Para exemplificação do termo hipocrisia religiosa trazemos uma abordagem sobre os *Fariseus*, um grupo religioso do Judaísmo do século I, que se consideravam como verdadeiros e únicos seguidores da Lei de Deus. No entanto suas más obras foram duramente criticadas por Jesus Cristo, daí o termo fariseu passou a ter um sentido negativo significando qualquer pessoa que esconde uma falsa religiosidade. O modo de ser do Cônego Diogo com sua hipocrisia é fator de destaque na análise da obra. A pesquisa realizada para este trabalho foi de natureza bibliográfica qualitativa. Além da 5ª edição do romance, *O Mulato*, utilizou-se de bibliografias relativas ao autor do romance tais como Bosi (2006) e Moisés (1984) como também foram consultados dicionários, tanto bíblico como da língua portuguesa, com a finalidade de definir a etimologia da palavra hipocrisia.

PALAVRA-CHAVE: Hipocrisia. Sociedade. Religião.

1 INTRODUÇÃO

Publicado em 1881, em São Luís do Maranhão, o romance *O Mulato*, escrito sob a ótica do naturalismo, leva o leitor, ao adentrar em seu enredo, a sentir a impressão de vivenciar as complexas e tensas relações sociais da época, tecidas sob a égide do clientelismo, do compadrio, do mandonismo local, do racismo e das crenças religiosas.

¹FARIAS. Daniel Gomes. Graduação em Letras/Português pela Universidade Estadual da Paraíba-Pb-
Email:farias-daniel@hotmail.com.

O autor ergue-se em sua escritura com o intuito de reproduzir artisticamente a realidade da sociedade em que estava imerso, ou como descreve Tufano (1978, p.85): “Aluísio Azevedo assume uma posição crítica denunciando a corrupção moral e a hipocrisia da burguesia e do clero, chamando atenção para problemas sociais, bem ao molde do espírito combativo da época”.

A partir da leitura do romance, propõe-se a observação da exacerbada influência que a religião pôde chegar a ponto de exercer tal poder de dominação de uma sociedade. É na personagem do cônego Diogo, com seu estilo de vida, que a obra toma proporções anticlericais, de forma que o autor da obra expõe, em forma de denúncia, a subserviência que aquela sociedade rendia a um regime religioso existente no século XIX.

Torna-se relevante destacar que a religiosidade no Brasil é um fator evidente desde seus primórdios. A própria história registra que a chegada dos portugueses em terras brasileiras foi inaugurada pela celebração de uma missa. A partir de então o trabalho de implantação da Igreja Católica deu-se pela catequização dos nativos e, conseqüentemente, pela estabilização da igreja. Os Jesuítas, uma ordem eclesiástica da igreja, promoveram uma atividade ampla nesse sentido. Segundo Castelo (1972, p.31) eles “tornaram-se os principais mentores da vida espiritual do Brasil-Colônia.”

Neste grande projeto, o Catolicismo Romano conquistou novas terras, impôs suas tradições, dogmas e costumes, tornando-se a religião oficial em nosso país. Por extensão, as ideias defendidas por Aluísio Azevedo possibilitam a viabilidade da propagação de ideais filosóficos e científicos sem terem a necessidade de estar sob os olhares da imposição religiosa, já que no âmbito do Naturalismo, conforme assevera Coutinho (2007, p.188), “as leis científicas, e não as concepções teológicas da natureza, é que possuem explicações válidas.” Para Moisés (2007, p.248) a prosa de ficção em seu realismo exterior apresenta a obra de arte como uma arma de combate das instituições julgadas decadentes, entre as quais o Clero fazia parte, além da burguesia e o Trono.

Nossa proposta é compreender a atuação da religião, sob a liderança de um clero corrompido, como pano de fundo da organização social, sua influência nas questões ideológicas e seus resultados degradantes na sociedade.

2 HIPOCRISIA RELIGIOSA

Do ponto de vista teológico, a hipocrisia é uma transgressão que se aloja ocultamente no interior de uma pessoa, seus mentores agem como verdadeiros atores mascarados. O dicionário Larousse (2001) da Língua Portuguesa define a hipocrisia como a “afetação de virtude ou sentimento que não se tem; fingimento, falsidade”. Este termo tem sua origem na língua grega, e conforme Andrade (1998, p.175) em seu sentido etimológico diz respeito à atuação dos atores que no palco representavam papéis, atitudes e gestos que não eram seus. Daí, o termo passou a designar os que agem com fingimento e falsidade.

Para Richards (1994, p.69)

A palavra significava originalmente interpretar um papel num palco. Em breve assumiu as implicações de uma fraude consciente: hipócrita finge ser alguma coisa que não é, ele usa uma máscara e esconde seu verdadeiro ser com palavras e atos que tem o propósito de enganar.

No aspecto religioso a hipocrisia foi algo patente em grupos de grande influência. No século I da nossa era existiu um grupo religioso na Palestina que representava o setor mais rígido e mais numeroso da seita religiosa dos judeus: eram *Os Fariseus* (“separados”, provavelmente em sentido ritual). Eram considerados os intérpretes mais precisos da lei de Moisés, ou seja, a Torá (os cinco primeiros livros da Bíblia). Conforme Gundry (1998, p.53), suas ações são descritas da seguinte forma:

Observavam escrupulosamente, tanto as leis rabínicas quanto as mosaicas. Um fariseu não podia comer na casa de um “pecador” (alguém que não praticasse o farisaísmo), embora pudesse acolher um pecador em sua própria casa. Todavia, tinha de prover-lhe as vestes, para que as roupas do próprio pecador não fossem ritualmente impuras.

No entanto, foram duramente classificados de “hipócritas e condutores cegos”. No Evangelho de São Mateus, capítulo 23, são chamados de “sepulcros caiados”, pois tais líderes ostentavam sua religiosidade para ganhar o louvor dos homens e por isso receberam uma devastadora repreensão de Cristo, que pregava o amor a Deus e ao próximo como requisitos indispensáveis para o cumprimento da verdadeira religião, além da prática da justiça, da misericórdia e da fé, fatores estes ignorados pela seita dos fariseus. Porém, a oposição judaica às doutrinas cristãs não impediu sua expansão.

A influência do cristianismo fora tão forte e se espalhou de tal maneira que, no século III, consegue adentrar a imponente muralha cultural religiosa do império romano, galgando até mesmo a mudança religiosa do imperador Constantino tornando-se cristão. Porém o cristianismo é fortemente afetado pelos interesses do poder vigente, ou seja, a igreja é transformada em organização espiritual, em que fulgurava a caridade, a fé, a visão do reino de

Deus, em uma instituição política, defensora das ideias culturais de Roma, o que levou a praticar qualquer ação para defender seus próprios interesses. A esse respeito Scott (1982, p. 129) diz que

a história conta-nos casos de opressão, crueldade, perseguição, avareza e ambição cometidos em nome de Cristo e da sua religião; de conversões obtidas à ponta da baioneta; de confissões extorquidas pela tortura; de morticínio e destruição efetuados tanto contra incrédulos como contra cristãos.

Em 1517 uma dissidência religiosa abala a estrutura política da Igreja e, conseqüentemente, muda sua história. Nessa época, a o catolicismo romano encontrava-se afogado nas densas trevas do paganismo, e sofre um rompimento por parte de um monge alemão chamado Martinho Lutero, movimento este que se denominou a Reforma Protestante. Conforme Acácio e Guimarães (2010, p.148) após ter estado em Roma por sete meses no ano de 1510 – a fim de tratar de assuntos de sua ordem – Lutero volta de lá impressionado com a falta de espírito religioso e de moralidade do Vaticano. Ao declarar que os papas e os concílios podem falhar, Lutero sofre a excomunhão publicada pelo papa Leão X, em janeiro de 1521.

Corroborando com a ideia acima Fo, Malucelly e Tomat (2007, p. 10) afirmam que

no século X começa a nascer em toda a Europa grupos de fiéis que pregam e aplicam a comunidade do bem, a fraternidade, e recusam a autoridade eclesiástica. Combatendo esses movimentos, as hierarquias eclesiásticas e nobres (que muitas vezes são a mesma coisa) se organizam para exterminar os habitantes de regiões inteiras, condenando os sobreviventes ao suplício público. No ápice dessa perseguição, muitas pessoas são torturadas e assassinadas de formas horrendas apenas por terem apoiado a tese de que Jesus e os apóstolos não possuíam riquezas ou bens materiais. O mero fato de ter uma Bíblia em casa já bastava para levantar as suspeitas de ser um inimigo da Igreja. Se essa Bíblia ainda fosse traduzida para o latim vulgar, ou seja, uma língua entendida pelo povo, e não tivesse autorização, a condenação por heresia era certa.

Contra os “hereges” (qualquer que discordasse dos dogmas da igreja), em dado momento, chegou a ser inventado um instrumento repreensivo de perfeição diabólica: a Inquisição. Os inquisidores eram, ao mesmo tempo, policiais, carcereiros, acusadores e juízes. Qualquer sinal entendido como rebeldia contra a igreja já era suficiente para acabar em suas garras: um boato, uma carta anônima, um comportamento ligeiramente diferente do normal. Até ser excessivamente devoto era considerado comportamento duvidoso, suspeito era considerado culpado se não conseguisse provar a própria inocência e quem testemunhava em favor de um suposto herege podia, por sua vez, tornar-se suspeito e sofrer um processo.

Em seu discurso Scott (1982 p.130) afirma que “a igreja romana é acusada de usar da mentira, da violência, da prepotência, para castigar, matar, destruir aqueles que julgavam seus

inimigos ou que de seus erros divergiam”, e faz menção os casos de Copérnico e Galileu, no século XVI, que ao defenderem a teoria do heliocentrismo foram julgados e exigidos a que continuassem com a ideia Geocêntrica creditada pela igreja.

As histórias dos processos e das perseguições realizadas pela organização eclesiástica e pelo "Santo Tribunal" são demarcadas pelo derramamento de sangue de inúmeras vítimas, seres humanos, que desejavam apenas a liberdade do pensamento. Fazer um balanço confiável dessas guerras e perseguições é decerto quase impossível. No entanto sabe-se que milhões de pessoas foram assassinadas em mais de mil anos de crueldade, ou no dizer de Scott, (1982 p.174): “sacrificou desde o seu inicio centenas de milhares, ou como alguns escritores asseveram milhões de vítimas; o total nunca será conhecido até o dia em que a terra descubra o seu sangue e nunca mais cubra os seus mortos”.

3 SITUANDO-SE NA OBRA

O Romance narra à história do amor proibido entre as personagens Raimundo: o mulato e Ana Rosa. Esta era “branca,” filha de um comerciante português por nome de Manoel Pedro da Silva, conhecido por Manoel Pescada, e de Mariana. Ainda na mais tenra juventude Ana torna-se órfã de mãe e passa a conviver com sua avó materna D. Maria Bárbara que vem morar em sua casa a pedido de Manoel Pescada. Anica, como a chamavam, era afilhada do cônego Diogo, pároco daquela região desde a sua juventude e que conhecia bem de perto a história e a vida da família de Manoel.

Manoel Pedro da Silva destacava-se por sua disposição para o trabalho e como lhe diziam, por ser “amigo do Brasil”. Tinha um irmão por nome José Pedro da Silva que era fazendeiro e comerciante de escravos, negócio em que não fora tão bem sucedido, o que o levou a fugir do Estado do Pará para as terras do Maranhão com uma escrava chamada Domingas. Estabelecendo-se, passa a trabalhar na agricultura morando na fazenda em que ele mesmo passou a ser proprietário onde Domingas dá a luz um filho de José da Silva que recebera o nome de Raimundo.

Depois do nascimento de Raimundo José Pedro casou-se com Quitéria Inocência de Freitas Santiago, “mulher branca e impiedosa”. Enciumada com a atenção especial que José Pedro dedicava ao pequeno Raimundo e à escrava Domingas, Quitéria usava das mais horrendas crueldades com a negra. José Pedro indignado com as atrocidades da sua esposa para com a “negra Domingas” leva o filho para casa do irmão em São Luiz. De volta à fazenda flagra o jovem padre Diogo em pleno ato de adultério com Quitéria. Enfurecido José

Pedro mata, estrangulada, a sua própria esposa e isto sob o olhar do padre Diogo. Entre acusações que se lançam um contra o outro formam um pacto no sentido de encobrir o ato pecaminoso de ambos. Desgraçado e doente, José Pedro refugia-se na casa do irmão e em cumplicidade com o Padre espalha a notícia de que sua casa tornara-se mal assombrada e que sua esposa viera a falecer por ser alvo de uma possessão maligna. Certo dia, ao voltar à fazenda, José Pedro é assassinado misteriosamente.

O filho de José Pedro com Domingas, ainda bem pequenino, é entregue aos cuidados de Manoel Pedro e Mariana, pais de Ana Rosa, e lá Raimundo recebe o afago que ninguém nunca lhe dispensara e vê em Mariana, a mais carinhosa e terna das protetoras, tornando-se em pouco tempo uma criança forte, sã e bonita.

Porém com a notícia da morte de seu pai, Raimundo é enviado a Lisboa a fim de estudar num dos melhores colégios daquela cidade. Concluindo os seus estudos e formado em Direito volta ao Maranhão para resolver questões ligadas às terras da qual era herdeiro, embora seu maior desejo fosse descobrir suas origens e quem eram na verdade seus pais. Bem recebido em casa de Manoel, seu tio, aí passou a morar tendo o firme propósito de, muito em breve, ir para a corte estabelecer residência e exercer sua profissão. No entanto a beleza de que Raimundo era possuidor tornara-se motivo para que os olhares das moças se voltassem para ele, e dentre esses olhares encontrava-se o de Ana Rosa, sua prima que, de forma súbita, envolve-se numa paixão sem limites a ponto de não mais poder ocultar.

Raimundo corresponde à paixão da prima, mas os jovens encontram fortes obstáculos, principalmente a ferrenha oposição de Manuel Pescada, pois este queria sua filha casada com Luís Dias, um de seus empregados. A avó de Ana Rosa, Maria Bárbara, com todo o seu racismo intransigente, relutava pelo distanciamento dos jovens; e o cônego Diogo, culpado pela morte de José Pedro, torna-se um sutil e ardiloso adversário de Raimundo, querendo de qualquer maneira vê-lo bem longe de São Luís. Porém a maior razão que existia para tamanha oposição ao casamento dos primos é por conhecer sua ascendência genealógica, visto que Raimundo descendia de uma mulher negra.

Na casa do tio, Raimundo, alheio às histórias envolvendo sua mãe, empenha-se em descobrir os mistérios em torno de seu nascimento e da morte paterna, e obcecado por desvendar suas origens, insiste em visitar a fazenda onde nascera. Após diversos adiamentos seu tio finalmente o leva até a fazenda São Brás. Ali com muita emoção, olhando as datas nas lápides das sepulturas do pai e de D. Quitéria, Raimundo conclui que era filho bastardo. Em uma noite na fazenda, Raimundo é surpreendido por uma velha negra de aspecto fantasmagórico que o quer abraçar, fato que o deixa bastante assustado e que o leva de volta a

São Luís. Porém, o mulato passa a obter várias informações sobre o passado trágico de seus pais, e seu tio lhe revela que sua mãe está viva e é a velha negra louca que ele havia visto na fazenda, revelação que deixa Raimundo bastante perplexo.

Um dia antes Raimundo havia pedido Ana Rosa em casamento e Manoel rejeita o seu pedido sem dizer a razão, porém agora toma conhecimento do caso e de que seu impedimento de se casar com Ana Rosa se deve as suas origens negras.

Raimundo, revoltado, não suporta mais viver com o tio e muda-se para outra residência enquanto faz os preparativos para voltar ao Rio de Janeiro. No entanto, pouco antes do embarque, manda uma carta para Ana Rosa confessando seu amor, e preso pela paixão não consegue partir. Os amantes se encontram e Ana Rosa acaba engravidando, fato que os levam a planejarem uma fuga.

O cônego Diogo, usando de estratégias para separar Ana de Raimundo, e fazer com que ela se casasse com Luís Dias, caixeiro de Manoel Pescada, persuade a moça a que confesse tudo sobre eles. Assim, ela lhe revela o seu caso amoroso e sua gravidez. Diogo, usando da colaboração subserviente do caixeiro Dias, que intercepta as cartas do casal, age arditosamente no sentido de impedir a concretização da fuga. No momento em que planejavam partir, os amantes são surpreendidos com a aparição do Cônego, juntamente com a polícia, apresentando-se como protetor de Ana Rosa.

Com esta situação todos ficam atordoados, porém numa arditosa disposição de pacificador, o Cônego Diogo consegue amenizar o problema fazendo Ana Rosa voltar ao seio familiar. Dessa forma, na qualidade de “Vigário de Cristo”, Diogo dá os seus conselhos para a família e sai a executar outra tarefa que já fazia parte de seus planos.

A missão que o Cônego Diogo queria cumprir era por demais maquiavélica. Convence, às ocultas, ao Luís Dias a seguir e encontrar-se com Raimundo a fim de assassiná-lo. Para isto, o velho Cônego deposita em mãos do Dias uma arma. O jovem caixeiro de Manoel Pescada, deixando-se convencer da necessidade de exterminar Raimundo, a fim de que não mais houvesse nenhum empecilho ao seu casamento com Ana Rosa, sai ao encontro de seu inimigo e, covardemente, dispara-lhe um tiro nas costas no exato momento em que Raimundo estava a abrir a porta de sua casa.

Ao receber a notícia da morte de Raimundo Ana Rosa se desespera a tal ponto que a leva a abortar o filho.

Como narra Azevedo (1983, p.186)

No dia seguinte, por todas as ruas da cidade de São Luís do Maranhão, e nas repartições públicas, na praça do comércio, nos açougues, nas quitandas, nas salas e

nas alcovas, boquejava-se largamente sobre a misteriosa morte do Dr. Raimundo. Era a ordem do dia.

Dois anos após a morte de Raimundo Ana Rosa casa-se com Luís Dias, nascendo desta união três filhos. Dias, com a morte de Manoel pescada, assume os negócios do sogro, surgindo à nova firma comercial Silva e Dias na mais “completa prosperidade”.

4 ALUÍSIO AZEVEDO, O CONTEXTO HISTÓRICO E O ANTICLERICALISMO

O ano de 1881 foi marcado com bastante efervescência e tensão entre os signatários de perspectivas ideológicas distintas. A formação histórico-social do Brasil e, nela, do Maranhão, por ser do tipo colonial, teve em sua tessitura, resíduos culturais europeus e africanos. Estes, uma vez amalgamados e articulados pela escravatura, geraram uma nova sociabilidade complexa e tensa que se expressava num cotidiano social, permeados por negociações e conflitos, solidariedades e violências, cuja intensidade variava e dependia das conjunturas em que se encontravam os seus sujeitos sociais. Segundo Cordeiro (1987 p. 81)

A cidade de São Luís ardia em 1881, num clima quentíssimo de polêmicas a se extravasarem a imprensa nos púlpitos e na justiça entre o núcleo religioso clerical, católico romano que criara e mantinha o jornal ‘Civilização’. A Civilização e o grupo anticlerical, livre pensador, positivista, que se entrincheirava também nas colunas de outro jornal ‘O Pensador’ do qual Aluísio Azevedo era um dos paladinos mais denotados.

Vale sublinhar, porém, que a interrupção do tráfico internacional de escravos, a desagregação do escravismo e o tráfico interprovincial, dentre outros fatores, contribuíram para a necessidade de redefinição do perfil das relações sociais e dos símbolos referenciais do status do indivíduo. Nesse sentido, a sociedade maranhense, na segunda metade do século XIX, em sua historicidade, fora permeada por continuidades e mudanças verificadas nas diferentes relações estabelecidas entre os sujeitos que a constituíam naquele momento.

Nessa sociedade, a boa aparência substituía muitas vezes a moral, pois convinha agir conforme status social, de forma que o modo de vestir-se indicava ou não a posse de aportes simbólicos de civilização, porque o estilo e a condição indicavam a que classe social cada um pertencia. Assim, o que se verificava era a imitação como uma prática cultural das elites, ainda que a roupa europeia não fosse própria para o clima tropical do Maranhão. Em uma formação econômica colonial, quase tudo como mantimentos, vinhos, cervejas, enlatados, manteiga, peixe seco e outros produtos vinham da Europa. Desse modo, vale dizer que as

elites viviam em São Luís, “de costas para as províncias que originavam sua riqueza” Mérian, (1988, p 15).

As classes mais abastadas enviavam seus filhos depois dos estudos secundários para a Universidade em Lisboa o que contribuiu para manter a influência preponderante da Europa sobre as elites locais do Maranhão. Aluísio Azevedo retrata, através de Raimundo, seu personagem principal, este fato quando afirma que Manoel Pescada “remeteu o sobrinho para um colégio daquela cidade” (AZEVEDO, 1983, p. 45).

A imprensa durante a década de 1870 assume um papel essencial na vida dos maranhenses. Os jornais atuavam como uma janela aberta para o movimento das ideias que agitavam a Europa. O positivismo tão difundido nesse continente progredia lentamente entre os jovens intelectuais do maranhão dentre os quais Aluísio Azevedo fazia parte. Os positivistas se encontravam em grande número nas lojas maçônicas e foram responsáveis de grande oposição aos bispos da Igreja Católica. Segundo Guerra (1952, p.102) o conflito estendeu-se ao Brasil desde 1871 por conta da “Lei do Ventre Livre”. A igreja era responsável pela alteração da data do nascimento dos filhos de escravos nascidos após a aprovação da lei. Maçons e positivistas lutaram através da imprensa a favor de uma igreja nacional independente de Roma, inspirado nos princípios do positivismo, e neste caso, imprensa e teatro foram os fortes veículos de propaganda anticlerical.

O termo anticlericalismo nomeia a oposição ao avivamento católico constatado na Europa a partir de 1850. Visava, ao mesmo tempo, realçar e confrontar a ostentação do poder dos sacerdotes romanos e a infalibilidade papal. Em consequência de seus desmandos, o clero romano foi, através dos séculos, alvo de críticas por parte daqueles que defendiam uma igreja pura e evangelizadora, ou escritores que expressaram através da literatura seu pensamento crítico, a exemplo de Eça de Queiroz que denunciou através do romance “O Crime do Padre Amaro”, a permissividade existente entre o clero português. Dessa forma entende-se que este anticlericalismo histórico sustenta-se nas acusações que recaíram sobre a Igreja por ser liderada, em muitos casos por verdadeiros hipócritas religiosos.

Entre os vários intelectuais que assestaram suas armas contra um sistema clerical hipócrita encontra-se Aluísio Azevedo, o maior dos naturalistas brasileiros, que pinta o retrato de uma sociedade carregada de problemas sociais, incluindo a discriminação racial existente nos segmentos da sociedade entre os quais o clero fazia parte. Para Tufano (1978, p.85), nesta obra, “ressalta-se o anticlericalismo através da caricatura do cônego Diogo, representado como um homem sensual, hipócrita e egoísta; o que nos move a perceber a posição preconceituosa do sistema religioso da época”.

Podemos supor que a causa abolicionista preocupasse muito mais o romancista do que qualquer outro assunto. Porém é fato que uma forte denúncia contra o posicionamento hipócrita do clero mostra-se bastante explícita e contundente. Para Moisés (1984, p.240),

O anticlericalismo é decorrência natural, já que a tese do romance sustenta que os males do grupo social advém da subserviência a padres venais, corruptos, esquecidos de seus compromissos com a igreja e os fiéis. Maus sacerdotes, em suma, como o cônego Diogo, falso e canalha a ponto de, afora intrigar e caluniar, ter sido o autor intelectual do assassinio de Raimundo.

Na obra, a personagem Raimundo é um protótipo do brasileiro aberto a novas ideias, com uma visão de mundo bem distante das tradições e costumes presentes naquela província. Fato este pontuado pelo próprio Azevedo (1983, p.116):

[...] admirava a natureza e rendia-lhe o seu culto, procurando estudá-la e conhecê-la nas suas leis e nos seus fenômenos, acompanhando os homens de ciência nas suas investigações, fazendo, enfim, o possível para ser útil aos seus semelhantes, tendo sempre por base a honestidade dos próprios atos.

Raimundo tem seu destino norteado pelos determinismos da época, sofrendo as injustiças de que fora vítima, imergido numa sociedade subserviente a padres afogados em mares de corrupção, esquecidos de seus votos com a igreja e com os princípios estabelecidos pela doutrina cristã. Sacerdotes, em suma, representado no Cônego Diogo, que travestido de uma santidade inquestionável, porém falsa, acrescenta ainda, entre todas as ações maquiavélicas, a de ser o mandante do assassinato de Raimundo.

O Romance *O Mulato* foi inspirado na vida maranhense da época e aborda de uma forma geral a questão do racismo. No entanto, a trama deixa sobressair vários embates ligados diretamente aos fatores sociais, políticos e, principalmente, religiosos. Aluísio Azevedo, como adepto do Naturalismo, partiu de bases científicas para analisar, nas palavras de Moisés (1984, p.338)

Uma sociedade considerada decadente, a sociedade burguesa, romântica, brasileira, da segunda metade do século XIX, composta de doentes dos sentidos, sujeitos a imperativos do sangue e do “meio” e a convenções hipócritas.

Imerso nessa realidade estava a igreja que desempenhava um papel importante na educação. Esta instituição sancionava ou encorajava os casamentos que se assemelhavam a transações comerciais e por ser parte do sistema escravocrata, defendia os mesmos interesses econômicos dos outros proprietários fundiários. Assim fechava os olhos para os maus tratos infligidos aos escravos a quem pregavam a resignação.

O Mulato nos deixa perceber que, além da manutenção do sistema escravocrata, outra razão para a decadência social e degradação dos costumes do Maranhão era a influência que o

clero exercia sobre a população, como bem afirma Moisés (1984, p.340): “*O Mulato* procura ser o retrato da burguesia maranhense dominada pelo preconceito de cor e pelos dogmas religiosos.” Nesse contexto, Aluísio Azevedo mostra-se como um verdadeiro combatente pela prevalência das ideias progressistas, renovadoras e revolucionárias contra a hipocrisia existentes nos vários segmentos da sociedade Maranhense nos quais o clero fazia parte. Desse modo, compreende-se que o romance consubstanciou-se num símbolo desse espírito de luta e revolução ideológica. Sua publicação em abril de 1881 inscreveu-se numa época particularmente agitada da vida do Maranhão, principalmente pela ferrenha oposição entre clericais e anticlericais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance *O Mulato*, visualiza-se um quadro do ambiente do Maranhão, ou o retrato da sociedade brasileira sob a observação atenta do meio em que o autor vivia. Como bem afirma Sodré (1982, p.382) “A reprodução artística da realidade foi sempre a meta dos grandes escritores e a medida de sua grandeza foi proporcional em todos os tempos ao esforço em reconstituir a realidade íntegra e total.” O Naturalismo sustenta-se no cientificismo, preocupa-se com os fatos precisamente observados, tem em si mesmo a visão materialista do homem, da sociedade e do mundo.

Nesse sentido, entende-se que Aluísio Azevedo, considerado a figura máxima do Naturalismo brasileiro, detinha certos conhecimentos de teorias filosóficas e científicas de sua época descrevendo na personagem Raimundo, o homem que carrega o princípio necessário à evolução da sociedade brasileira. Neste caso percebe-se de uma maneira substancialmente evidente, o posicionamento crítico do autor no que diz respeito a relação da igreja e do clero com a sociedade da época (propriamente no século XIX), como se observa na afirmação de Bosi (2006, p.190): “Aluísio Azevedo trava uma luta aberta contra o conservantismo e as manias clericais que entorpeciam a sua província.”.

Talvez o destaque principal do romance esteja voltado, em uma primeira leitura, para a abordagem da discriminação racial bem presente na sociedade da época, assim como a problemática da hipocrisia existente, não apenas no clero, mas em todos os segmentos de influência sociais. Porém o que se depreende do Romance é a revelação da perigosa face da falsa religiosidade e a luta pela liberdade, não só no aspecto racial, mas das ideologias impostas pelos que ostentavam seu poder de dominação social.

ABSTRACT

This article analyzes the novel *The Mulato*, from Aluisio Azevedo, having as main objective, through the dialogical relationship of the characters and of Canon Diogo Raimundo mulatto, focusing on the issue of religious hypocrisy, as a negative for the society of the time, as well as anti-clericalism which the author demonstrates in his work. The approach of religious hypocrisy lies with the modus operandi of religious systems, considering imposing, made bad mistakes in how they judge the individual, like the first-century Judaism and Roman Catholicism throughout its history. In this sense we aimed to identify the confrontation between the Canon and the character Diogo Raimundo, the mulatto, within the narrative axis. Permit an analysis about the hypocrisy of the clergy at the time the fact narrated occurs. Understanding the role of religion as a backdrop of social organization, influencing greatly in ideological issues and the interference of the clergy within families. For exemplification of the term religious hypocrisy bring an approach to the Pharisees, a religious group of Judaism of the first century, who considered themselves as true and unique followers of God's Law. However his evil deeds were heavily criticized by Jesus Christ, hence the term Pharisee began to have a negative sense to mean any person who conceals a false religion. The mode of being of Canon Diogo with their hypocrisy is prominent factor in the analysis of the work. The research for this study was qualitative bibliographic nature. Besides the 5th edition of the novel, *The Mulatto*, we used the bibliographies on the author of the novel such as Bosi (2006) and Moses (1984) as dictionaries, both biblical and the Portuguese were also consulted, in order to define the etymology of the word hypocrisy.

KEYWORD: Hypocrisy. Society. Religion.

REFERÊNCIAS

ACÁCIO, José Mathias & GUIMARÃES, Keila Az. S. **Curso Básico em Teologia: Geografia e História Bíblica**. 3ª ed. Paraná, 2010

ANDRADE, Claudionor Correia de. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1983.

BIBLIA DE ESTUDO APLICAÇÃO PESSOAL. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix. 2006.

CASTELO, José Aderaldo. **Manifestações literárias do período colonial**. 3ª ed. São Paulo Cultrix, 1972.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORDEIRO, J. Mendonça. **O Mulato: cem anos de um romance revolucionário**. São Luís: EDUFMA, 1987.

FO, J.; MALUCELLI, L.; TOMAT, S. **O livro negro do cristianismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GUERRA, Flávio. **A questão Religiosa do Segundo Império Brasileiro**. Ed. Pongetti. Rio de Janeiro, 1952.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do novo testamento**. 2ª ed. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova. 1998

LAROUSSE, Ática. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Ática 2001.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. *Realismo*. Vol. II. São Paulo: cultrix, 1984.

MOISÉS, Massaud – **A Literatura Brasileira Através dos Textos**. 26ª edição. S. Paulo, Cultrix, 2007.

MÉRIAN, Jean Yves. Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913). Rio de Janeiro: **Espaço e Tempo Banco Sudameris** - Brasil: Brasília: INL, 1988.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

SCOTT, Benjamim. **As catacumbas de Roma**. 4ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 1982.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 7ª ed. São Paulo: Difel, 1982.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Literatura Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1978.